

# Museus canadenses e brasileiros: comparando experiências e perspectivas de patrimonialização e promoção de cidadania cultural

*Cleusa Maria Gomes Graebin<sup>1</sup>*

*Recebido 13, jun. 2012 / Aprovado 30, jun. 2012*

**Resumo:** No Brasil, a partir do ano 2000, investe-se em pesquisas, discussões e encontros, a fim de se pensar coletivamente as instituições museais do país. A inclusão social dos diferentes grupos humanos faz aflorar novas subjetividades, saberes e fazeres e investimentos em suas heranças bioculturais, com a criação de novos lugares de memórias, que exigem formas diferenciadas de patrimonialização e a elaboração de condições de apropriação dos mesmos pelas comunidades ali representadas. Ao mesmo tempo, muitas das instituições já existentes passam por processos de revitalização. No Canadá, desde longa data, construiu-se a cultura museológica, na qual os museus integram-se ao cotidiano das pessoas, ao sistema educacional, às formas de lazer e ao universo econômico. O Movimento Internacional da Nova Museologia, surgido em Quebec, em 1984, já apontava para os museus a serviço do homem, transformando-se em espaço com a função de auxiliar comunidades a construir sua autoestima, a revelarem suas práticas simbólicas e a se transformarem em interlocutores. Os museus expandem o uso de suas coleções para fins educacionais e de entretenimento, bem como reorientam suas exposições para que os visitantes se transformem, passando de simples receptores a emissores-receptores, justificando a função social do museu como instituição de informação, divulgação e formação. A partir dessas reflexões, tem-se por objetivo discutir, de forma comparada, políticas públicas, experiências, modelos de gestão, de patrimonialização e de promoção de cidadania cultural entre instituições museais canadenses e brasileiras, colaborando para a promoção de novas práticas e pressupostos que deem suporte para a solução de problemas e desafios contemporâneos dessas instituições.

**Palavras-chave:** Canadá; Brasil; instituições museais; museus comunitários

**Abstract:** In Brazil, since the year or 2000, there has been an investment on research, discussions and meetings, in order to collectively think the museum institutions of the country. Also, the social inclusion of the different human groups causes the arising of new subjectivities and knowledge's and investments on their bio cultural heritages, with

the creation of new places or memories, that require different forms of patrimonialization and the creation of conditions of appropriation of those places by the communities there represented. At the same time, many of the existing institutions go through revitalization processes. In Canada, a museum culture has been built, where the museums combine to people's daily live, to the educational system, to the forms of recreation and to the economic universe. The international movement of the New Museology, which arose in Quebec in 1984, already pointed at the museums as being at the service of men, transforming itself in a space to help communities to build their self-esteem, reveal their symbolic practices and transform in to interlocutors. Also, museums expand the use of their collections with educational and entertainment ends, as well as reorient their exhibitions so that the visitors transform from simple receptors to emitters-receptors, justifying the social function of the museum as a institution of information, divulgation and formation. Starting from these reflections, the objective is to discuss, on a comparative form, public politics, experiences, management models, of patrimonialization and promotion of cultural citizenship between Canadian and Brazilian museum institutions, cooperating to the promotion of new practices and presuppositions that give support to the resolution of problems and contemporary challenges of those institutions.

**Keywords:** Canada; Brazil; museum institutions; communitarian museum.

**Résumé:** Au Brésil, à partir de 2000, on commence à investir en recherche, discussions et rencontres, dans le but de réfléchir collectivement aux institutions muséales du pays. L'inclusion sociale des différents groupes humains fait émerger de nouvelles formes de subjectivités, savoirs et manières de faire, et des investissements dans l'héritage bioculturel, avec la création de nouveaux lieux de mémoires, qui exigent de nouvelles formes de patrimonialisation et l'élaboration de conditions d'appropriation de ces patrimoines par les communautés qui y sont représentées. En même temps, différentes institutions qui existent déjà passent par des processus de revitalisation. Au Canada, depuis longtemps, une culture muséale a été bâtie, dans laquelle les musées s'intègrent au quotidien des gens, au système éducationnel, aux formes de loisir et à l'univers économique. Le Mouvement International de la Nouvelle Muséologie, qui a surgi au Québec, en 1984, signalait déjà le rôle des musées au service de l'homme, en les transformant en espace ayant la fonction d'aider la communauté à bâtir son auto-estime, à révéler ses pratiques symboliques et à devenir de véritables interlocuteurs. Les musées augmentent l'usage de leurs collections pour des finalités éducationnelles ainsi que de loisir, et orientent leurs expositions en vue de transformer les visiteurs de simples récepteurs en émissaires-récepteurs, pour justifier le rôle social du musée comme institution d'information, diffusion et formation. À partir de ces réflexions, nos objectifs sont bien ceux de discuter, d'une perspective comparée,

les politiques, expériences, modèles de gestion, de patrimonialisation et de promotion de la citoyenneté culturelle entre institutions muséales canadiennes et brésiliennes, en vue de collaborer à la promotion de nouvelles pratiques et de nouveaux présupposés qui puissent donner support à la solution des problèmes et défis contemporains de ces institutions.

**Mots-clés:** Canada; Brésil; institutions muséales; musées communautaires

## 1. Introdução

Verificam-se no Brasil, a partir da década de 1990, investimentos em pesquisas, discussões e encontros, a fim de se pensar coletivamente as instituições museais do país. Paralelamente, procura-se suprir a carência de profissionais para atuarem em museus, promovendo a abertura de cursos de graduação, de capacitação e formação continuada e programas de pós-graduação em museologia e em memória social e patrimônio cultural, áreas afetas ao campo museal. Ainda, o movimento de inclusão social dos diferentes grupos humanos faz aflorar novas subjetividades, saberes e fazeres e investimentos nas suas heranças bio-culturais, com a criação de lugares de memórias, os quais exigem formas diferenciadas de patrimonialização e criação de condições de apropriação dos mesmos pelas comunidades ali representadas, partilhando memórias, vivências e experiências, em um processo de construção de cidadania cultural. Ao mesmo tempo, muitas das instituições já existentes passam por processos de revitalização. No Brasil, os museus conquistaram um novo lugar na agenda de políticas para a cultura, com a criação do Plano Nacional Setorial dos Museus (PNSM) para o período 2010-2020, elaborado de forma conjunta por representantes da área museológica, da sociedade civil e do poder público, discutido a partir de encontros e plenárias em nível estadual e nacional.

No Canadá, tem-se construído uma cultura museológica, a partir da qual os museus buscam integrar-se ao cotidiano das pessoas, ao sistema educacional, às formas de lazer e ao universo econômico. O Movimento Internacional da Nova Museologia, surgido em Quebec, em 1984, já apontava para os museus a serviço do homem, transformando-se em espaços com a função social de auxiliar comunidades a construir autoestima, a revelarem suas práticas simbólicas, a se transformarem em interlocutores. Além disso, os museus expandem o uso de suas coleções para fins educacionais e de entretenimento, bem como reorientam suas exposições para que os visitantes se transformem, passando de simples re-

ceptores para emissores-receptores, justificando a função social do museu como instituição de informação, divulgação e formação.

Essas reflexões, iniciadas em discussões no Grupo de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade do Unilasalle Canoas, se constituem como ponto de partida para a construção de projeto de pesquisa cujos objetivos são: discutir, de forma comparada, políticas públicas para a cultura; promoção da cidadania cultural; e experiências de criação de museus comunitários no Brasil e no Canadá. Esse trabalho, portanto, se constitui como propedêutico à proposta de pesquisa, trazendo já, algumas constatações a partir de leituras introdutórias. O texto é organizado em seções que: (a) apresentam um panorama das políticas públicas para museus nos dois países e (b) comentam duas experiências museais brasileiras e duas canadense que levam em conta a patrimonialização de bens culturais e a promoção da cidadania cultural.

## **2. Brasil e Canadá: políticas públicas para museus**

Um museu caracteriza-se não só como preservador da memória, incentivador e formador de gerações de estudantes e de um público particular – interessado no patrimônio cultural –, mas também se destaca como um laboratório experimental de linguagens da memória, estabelecendo-se no cenário local, regional ou nacional como um detector e divulgador de descobertas. A essas funções acrescentam-se novas visões a respeito da missão de um museu, particularmente no que concerne à questão de inclusão cultural, à formação de públicos e à introdução de novas vertentes no espaço museal. Ou seja, ao projeto de museu foram adicionadas a reflexão e a prática do alargamento do conceito de memória, cultura, cidadania, inclusão, patrimônio cultural e, também, de museologia.

Pereira (2004), discorrendo sobre o conceito de desenvolvimento museal, indica a década de 1970 como aquela em que se iniciou o processo de abertura das instituições para as necessidades das comunidades onde estivessem inseridas e a busca de apoio do Estado a fim de o museu auxiliar na resolução de problemas, fossem eles no âmbito social ou ambiental. O autor coloca a Declaração da Mesa-Redonda de Santiago de Chile em 1972 como:

[...] o momento simbólico dessa viragem, ao consagrar duas ideias essenciais que marcariam até à actualidade a reflexão e o percurso da Museologia. Em primeiro lugar, o museu deveria passar a dar prioridade ao indiví-

duo em vez de dá-la ao objecto. Em segundo lugar, o património deveria ser um instrumento ao serviço do desenvolvimento do ser humano e da sociedade. (PEREIRA, 2004, p. 46)

Cartografando o percurso do movimento por uma nova museologia é possível apontar outros momentos importantes, como o da criação, no Canadá, em 1983 do “Atelier no Ecomuseu de Haute Beauce” e o da realização, em 1984, do “Atelier Internacional Ecomuseus – Nova Museologia”, do qual se originou a “Declaração de Quebec de 1984”. Nesse documento, ficava expresso que o papel do museu ultrapassava o modelo de instituição emissora de um serviço, isto é, tendo a comunidade apenas como receptora deste, portanto em relação hierarquizada (vertical), para a relação de comunicação em fluxo bilateral (horizontal). Museu e comunidade trabalhariam juntos, mobilizando-se a partir dos patrimônios e potencialidades daquelas, contribuindo para o empoderamento e protagonismo comunitários.<sup>2</sup> O espaço museal, antes confinado ao edifício, expande-se extra-muros e abre-se aos bens patrimoniais das comunidades, entendidos como recursos para o desenvolvimento sustentável das mesmas.

Autores como Pereira (2004), Primo (2002), Bellaigue (2000), informam que, apesar de todas essas discussões, o paradigma da “nova museologia”<sup>3</sup> apenas se consolidaria a partir da “Declaração de Caracas em 1992”, com a noção de museu como instrumento de diálogo, de interação das diferentes forças sociais. O documento indicava a reformulação de políticas para os acervos, formação de coleções, processos de conservação, serviços educativos e comunicacionais em função de uma relação realmente significativa com a comunidade. Avançava do museu integral (que para alguns críticos engolia<sup>4</sup> a comunidade) para o museu integrado com a comunidade e esta como co-gestora dos bens patrimoniais. Segundo Primo,

O museu passa a actuar, independentemente da sua tipologia e do seu acervo, como um canal de comunicação e reforça-se como interventor social; redefinem-se novas práticas museográficas que visam uma maior eficácia da acção museológica. Dá-se início ao processo de implantação de cursos Universitários para a formação de profissionais que atuem na Museologia e, consolida-se o processo de construção da Museologia enquanto Ciência Social. Novas tipologias de museus surgem e se legitimam, é o caso dos museus ao ar livre, Ecomuseus, museus de vizinhança, museus locais... (PRIMO, 1999, p. 26).

No Brasil, nos últimos anos da década de 1970, foram iniciadas transformações segundo Gonçalves (2005:91), parcialmente inspiradas pela “nova museologia”, vindo a redefinir padrões de formação para profissionais de museus, ainda instituídos com o Curso de Museus, fundado em 1932 no Museu Histórico Nacional. Em 1979, o curso foi transferido para a UNIRIO, passando a se denominar Escola de Museologia. Até a década de 2010, outros cursos foram criados, no entanto o número de graduações e pós-graduações em Museologia ainda é pequeno, tendo em vista a carência de profissionais para a atuação em museus. São 14 escolas de graduação e um Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, com curso de mestrado e doutorado. Segundo o Instituto Brasileiro de Museus-IBRAM, o país tem 3.025 museus e mais 85 em implantação (dados de 2010).

A nosso favor, de acordo com Tereza Scheiner, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO/MAST, a museologia desenvolvida no Brasil é sólida, “[...] bem amparada em metodologias e teorias apropriadas. Teoricamente, o Brasil é um dos países que estão na vanguarda das pesquisas” SCHEINER (2011).

No Canadá, pode-se ter um panorama geral do setor museal em números, consultando a Canadian Museums Association-CMA. Em 2010, estimava-se a existência de 2.988 museus e, no início de 2011, 3.090 instituições.<sup>5</sup>

No Brasil, do ponto de vista da proposição de políticas públicas para os museus e os processos museais, desde a década de 1980 cresce o debate sobre museus, patrimônio e memória pela sociedade civil, chegando ao século XXI com várias conquistas. O Estado tem aberto e promovido encontros, estudos, criação de cursos de graduação em museologia, financiamentos para abertura de novas instituições e revitalização das já existentes, entre outros. Destaca-se o lançamento em maio de 2003, pelo Ministério da Cultura (MinC), da Política Nacional de Museus e, logo em seguida, em agosto de 2003, a criação do Departamento de Museus e Centros Culturais. Em 2004, surgiu o Sistema Brasileiro de Museus, transformado em janeiro de 2009 em Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

Como um dos resultados desse movimento em prol de melhorias para o conjunto de instituições museais do país, uma pesquisa realizada durante quatro anos com o intuito de mapeamento e análise de dados resultou na publicação (início de 2011) da obra *Museus em Números* (dois volumes), trazendo um panorama estatístico nacional do setor de museus do Brasil.<sup>6</sup> Segundo o IBRAM, com esse estudo é possível ter um olhar, tanto abrangente, quanto específico para avançar

em relação ao desenvolvimento cultural brasileiro, sobretudo no que tange a planejamento e implementação de políticas públicas relacionadas ao setor museal. Avançou-se, mas ainda precisam ser estudadas algumas questões como práticas de gestão, de formação de coleções como patrimônio cultural em processo e esse como capital social, as dinâmicas locais e regionais e os museus, os processos de hibridação<sup>7</sup> cultural e museus, entre outras. Também, apesar dos esforços governamentais, a dotação orçamentária para o setor ainda é irrelevante e urge maiores investimentos, principalmente, em termos de pesquisa.

Ao estudar as políticas públicas para a cultura do Canadá, deve-se levar em conta a complexidade da repartição geográfica, linguística, administrativa (dez províncias e três territórios) e multicultural de sua população. De acordo com Saint-Pierre e Gattinger (2011), as políticas culturais nas províncias canadenses têm trajetórias distintas em razão de influências francesas, britânicas e estadunidense. As autoras ainda informam que a província do Quebec se distingue das demais:

La culture devient très tôt une question nationale, soit celle de la situation du Québec au sein de la fédération canadienne, plaçant ainsi l'identité culturelle et la langue française au cœur des interventions du gouvernement du Québec. [...] Plus récemment, l'approche distinctive du Québec s'est aussi traduite dans des dossiers comme celui de la diversité culturelle, largement discuté et débattu au cours de la première moitié des années 2000, ou plus récemment encore avec cette initiative de l'Agenda 21 de la culture, lancée il y a quelques mois à peine par le ministère de la Culture. [...] Quant aux autres provinces canadiennes, les interventions fédérales suscitent généralement moins d'opposition de leur part. Par contre, cette présence et les initiatives du fédéral semblent provoquer des demandes pour la mise en œuvre de mesures provinciales similaires. (SAINT-PIERRE; GATTINGER, 2011, p. 10)

Ainda sobre a singularidade da Província do Quebec, Durantaye (2002:310) informa que, no Quebec, por exemplo, “[...] as MRCs (Municipal Regions of the County) have made dissemination their first pivotal point of cultural intervention on the regional level, beginning with visual arts and crafts, and including heritage and museums in their dissemination priorities”.

Em relação aos museus que tratam da biodiversidade, como o Canadian Museum of Nature, sediado em Ottawa, estes enfrentam problemas na captação de recursos, conforme salientam Efford, Poulin e Williams:

Apesar do papel fundamental que a bio-sistemática possui no entendimento da diversidade genética, de espécies e de ecossistemas, o campo é pouco conhecido pela maior parte dos políticos e do público em geral. Dessa forma, houve uma redução drástica de verbas para muitas instituições museológicas e poucos alunos estão interessados em ingressar num campo que oferece um futuro incerto. (EFFORD, 1995; POULIN e WILLIAMS, 2002, *apud* JOHNSON; POULIN; GRAHAM, 2007, p. 64).

### **3. Experiências de criação e ou redirecionamento de museus que promovam a cidadania cultural no Brasil e no Canadá**

O conceito de cidadania cultural parte do alargamento do conceito de cultura, tomando-o, como indica Chauí (1995, p. 81), “[...] no sentido antropológico mais amplo de invenção coletiva de símbolos, valores, idéias e comportamentos, de modo a afirmar que todos os indivíduos e grupos são seres culturais e sujeitos culturais”. Além disso, integra também os pressupostos do caráter público da ação cultural do Estado, de modo que este deve agir no sentido de estimular a criação cultural de indivíduos, grupos, comunidades e o da circularidade cultural, a partir da qual se recusa a polarização da criação cultural entre as elites e os segmentos populares. Ainda de acordo com Chauí (1995), as políticas culturais devem visar a uma cultura política nova em que os cidadãos têm direito de acesso e de fruição dos bens culturais por meio dos serviços públicos de cultura; direito à criação cultural, de se reconhecerem como sujeitos culturais, criando espaços para discussões, debates, troca de experiências, apropriações de conhecimentos no campo, direito a participar de comissões, conselhos, associações e movimentos que garantam criação cultural próxima dos diferentes segmentos sociais, garantindo a ação cultural das comunidades; recusar o clientelismo de Estado na cultura, garantindo, a partir de conselhos, comissões e outras instâncias, orçamentos públicos e prioridades da política cultural.



### **3.1. Brasil**

Apresentam-se no Brasil duas experiências de museus de periferia, cuja criação leva em consideração o conceito de cidadania cultural. A ideia surgiu na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. A partir daí, o museu passou a ser visto como agente de desenvolvimento comunitário, exercendo, portanto, um papel decisivo na educação da comunidade. Após, em 1992, na Reunião de Caracas na Venezuela avançou-se no sentido de que o museu, por meio de reformulação das políticas de formação de coleções, de conservação, de investigação, de educação e de comunicação, estabelecesse significativa relação com a comunidade e esta fosse co-gestora de seus bens patrimoniais.

Embora em diferentes estados do Brasil, os museus são atravessados transversalmente por dois eixos temáticos: memória e resistência. Foram instalados em comunidades que se originaram de processos de ocupações irregulares de espaços urbanos, enfrentando tentativas de remoção, resistindo às autoridades públicas, vivenciando condições paupérrimas, falta de recursos de infraestrutura e situações de extrema violência. Essas experiências e vivências são narradas nos museus.

#### **Museu da Maré, RJ**

A Maré integra um complexo de aproximadamente 16 microbairros na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A área era composta de manguzeais que, a partir dos anos 1950, foram sendo aterrados (população e poder público), ocorrendo, posteriormente, a formação de barracos e palafitas. Ao longo dos anos, o cenário se modificou e tais construções desapareceram, dando lugar a outras de alvenaria e tijolos, iniciando-se, assim, o crescimento vertical. O Museu da Maré começou a ser pensado a partir de ações coletivas dos moradores, nas rodas de memória, chegando até a sua inauguração em 2006. Marilene Nunes assim o descreve em trecho de entrevista:

Um pequeno barraco de madeira sustentado por estacas. Ícone de uma paisagem resistente no presente, imagem simbólica do passado, âncora da lembrança. Sua cor é azul. Não o azul monótono e frio das paredes lisas. É um azul de muitos sóis roubado da cor das águas, do céu e da vida. Mutável conforme a luminosidade dos dias, os anúncios de tempestade, os fluxos

do mar e os dramas da existência. Uma pequena varanda é o que sobrou do mundo exterior. Portas que abrem em duas, primeiro para olhar quem chega, depois para convidar a entrar. Por dentro a vida é rosa. Num único cômodo se inscreve a vida. Aqui os objetos falam. na parede a lamparina, velhas fotos retocadas, um calendário antigo, quadros, muitos quadros, o sagrado coração, São Jorge, o Menino Jesus de Praga, Nossa Senhora da Conceição, todos acima da velha cama. No guarda roupas vestidos de chita, saias, blusas, calças e camisas usadas com suas marcas e cheiros. Sobre o guarda roupas há malas de couro e papelão, malas surradas, corroídas por inúmeras viagens, depósitos de lembranças denunciando que quem vive ali esta sempre de passagem. Há um criado mudo. Duas gavetas que podem ser abertas. Por aqui os objetos dialogam, podem ser tocados e ao abrir se encontra mais vida. Grampos de cabelo, bijuterias descoradas pelo tempo, orações a muito tempo recitadas, dinheiro que não compra nada além de memórias. E uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. (NUNES, Marilene. *DVD Museu da Maré*, 2008).



Figura 1 - Imagem da Favela da Maré em 1971.

Fonte: Disponível em <http://daniname.wordpress.com/2011/02/24/suzana-queiroga-e-o-complexo-da-mare/>



Figura 2 - Imagem do Museu da Maré. Fotografia datada de 20/03/2009. Blog de Ângelo Vanhoni. Fonte: Disponível em <http://www.vanhoni.com.br>

## **Museu de Periferia do Sítio Cercado**

O Sítio Cercado é um bairro de periferia localizado na Zona Sul da cidade de Curitiba, Paraná. Surgiu da ocupação e loteamentos, no final da década de 1940, de uma área rural – um sítio de 175 alqueires – cercada pelas águas dos arroios da Padilha, Cercado e Boa Vista. Daí a origem de seu nome. O bairro teve um crescimento gigantesco nos últimos 30 anos, abrigando aproximadamente 180 mil moradores. Em 2009, um grupo de antigos moradores iniciou um trabalho de memória, reunindo fotografias e relatos sobre a história do bairro, buscando criar o museu da comunidade. A iniciativa foi apoiada pelo IBRAM e pelo Ministério da Justiça por meio do Programa Nacional de Segurança e Cidadania (Pronasci). Segundo Chagas (2011):

O Museu da Periferia é o jogo invertido: não se valoriza mais apenas o museu que fica distante das pessoas e que não se preocupa com a história delas em – quanto estão vivas. A comunidade, quando se apropria da própria memória, percebe que pode construir um futuro diferente. É a memória usada como terapia social, que amplia a dignidade e a coesão social.



Figura 3 - Imagem do Sítio Cercado

Fonte: Gazeta Maringá, 5/6/2010.

Para auxiliar os agentes locais na criação do museu, o Departamento de Processos Museais do IBRAM promoveu, em setembro de 2009, a oficina “Museu, Memória e Cidadania”, reunindo moradores, artistas locais e representantes de associações comunitárias, como uma das etapas de visitas de técnicos do órgão à comunidade. Criou-se, então, o Ponto de Memória a partir da perspectiva de se ter um museu comprometido com a vida da comunidade e seu desenvolvimento.<sup>8</sup>



Figura 4 – Imagem do artista do grafite, Claudinei (Ferge), e a Coordenadora local do Ponto de Memória Museu de Periferia do Sítio Cercado, Palmira de Oliveira. 15/11/2011. Disponível em: <http://mupositiocercado.blogspot.com/>

### 3.2. Canadá

Descrevem-se a seguir dois casos que remetem à criação de museus comunitários no Canadá. O termo, assim como o de “museu de periferia” no Brasil, guardadas as especificidades das comunidades canadenses, remete a um tipo de instituição cuja existência compreende a participação ativa de membros da comunidade, os quais estão ligados por relações de pertencimento, como também, circunscritos a um determinado espaço. Sem adentrar nas discussões que envolvem disputas de poder, de apropriação de memórias, nem comentar as fragilidades e potencialidades desses processos de criação de instituições culturais, a intenção aqui é de apenas exemplificar caminhos a seguir (ou não) em projetos museais que emergem e são implementados comunitariamente.

#### Museu de Toronto

O projeto museal tem como objetivo enfatizar a diversidade cultural da cidade de Toronto, localizando-se em região de potencial turístico e integrante do futuro Centro Global das Cidades, o qual constituirá um espaço de discussão sobre questões da vida urbana no século XXI. Para a elaboração do projeto, a municipalidade, por meio da Culture Division, Economic Development, Culture and Tourism Department, City of Toronto, contratou a empresa Lord Cultural Resources para a pesquisa e o planejamento, indicando que o Museu deveria pos-

suas coleções sobre “Toronto’s natural and environmental history, ongoing First Nations contributions, and critical gaps in 20th century and contemporary history including subjects such as urban planning, public transportation, social services, architecture and immigration”. (HUMANITAS, 2004, p. 3).

O projeto iniciou-se em 2004 e a empresa Lord Cultural promoveu um estudo de viabilidade, consultando os cidadãos de Toronto, para que, juntamente com a comissão responsável pelo mesmo, pudessem discutir e decidir sobre o tipo de museu, gestão, coleções, exposições, construção do prédio, além de prevenir possíveis impactos ambientais.

As contribuições dos moradores, suas perspectivas e ideias, segundo Rodríguez (2008), foram valiosas para os planejamentos. Entre as sugestões, destacam-se:

Pedían que fuera un lugar vivo, que mirase hacia adelante igual que se mira atrás. Demandaban la participación de la gente de Toronto como elemento clave del Museo una vez inaugurado, donde las asociaciones fueran esenciales y donde se utilizase el talento de la ciudad (cocineros, artistas), que sus propias comunidades fueran los responsables de sus exposiciones. Destacaron un concepto interesante, que resume el espíritu de Toronto: transculturalismo en vez de multiculturalismo. Pedían que se hablase de lo que se tiene en común, y de cómo personas de procedencia distinta viven juntas en armonía, que se enfatizara el concepto de Toronto como una comunidad en sí misma. Humanitas debía dirigirse en primer lugar a la gente de Toronto y después a sus visitantes; debía ayudar a construir puentes entre los huecos generacionales con diferentes valores y expectativas. Para la gente consultada, aprender debía ser una función fundamental del Museo, aprender unos de otros, enlazar con los currícula escolares; y funcionar como un centro de intercambio de información de todas las culturas y comunidades en Toronto. El Museo debía reconocer los problemas, centrarse en cómo tratarlos, y mostrar cómo trabajamos para encontrar soluciones. (RODRÍGUEZ, 2008, p. 192-193).

O projeto foi aprovado pelas instâncias competentes, porém a construção do Museu ainda não foi finalizada.

## **Écomusée du Fier Monde (Montreal)**

O museu surgiu no período entre 1960-1970, a partir de movimentos de grupos e associações no bairro Le quartier, localizado no centro Sul de Montreal, que abriga, em sua maioria, operários. Em meio à crise social e econômica que atingiu o bairro, seus moradores, ao acessar e buscar recuperar as suas memórias, procuravam suportes para afirmação identitária e recuperação de autoestima, abalada pelo fechamento de indústrias e desemprego.

Plusieurs facteurs expliquent la situation. D'une part, Montréal dans son ensemble perd progressivement son statut de métropole canadienne au profit de Toronto, phénomène qui s'accroît en 1959 avec l'ouverture de la voie maritime du Saint-Laurent permettant aux navires de contourner Montréal. Certains secteurs autrefois importants, comme celui de la chaussure et du textile, périclitent. De plus, les installations industrielles du Centre-Sud sont souvent vieillissantes et les terrains permettant une expansion, rarement disponibles. Le port de Montréal se déplace vers l'est et le réseau ferroviaire perd peu à peu de son importance par rapport au réseau autoroutier et aux aéroports: le Centre-Sud subit la concurrence des nouveaux parcs industriels localisés en banlieue. (BINETTE, 2008, p. 130).

Além do direito à memória, os grupos, a partir de formação de cooperativas, pretendiam melhores condições de vida e criação de trabalho e renda. Para revitalizar o bairro, uma dessas organizações, a Habitations Communautaires Centre-Sud (HCCS), propôs o aproveitamento de um imóvel industrial sem uso, para abrigar um museu comunitário. Pensavam que a instituição daria outra imagem para o bairro, que passaria de uma “zona de pobres” a uma zona cultural. “On nous traite comme le tiers-monde, mais nous sommes du fier monde!”, diziam os membros da HCCS. (BINETTE, 2008, p. 132).

O museu, criado em 1980 e fundamentado nos aportes da “nova museologia”, teve como consultor de seu projeto Pierre Mayrand, da Universidade do Quebec. Mayrand já fizera parte da equipe que criara, em 1978, o ecomuseu de Haute-Beauce (Quebec). Membros da HCCS foram à França para visitar outros ecomuseus e instituições voltadas para o patrimônio cultural. O museu foi, então, denominado “Écomusée du fier monde”, cujo tema é a história da industrialização.

zação e do trabalho em Montreal. A exposição de longa duração aborda a vida cotidiana das pessoas em um bairro operário.

Dessa forma, os moradores do bairro se envolveram no projeto, comparecendo a reuniões, fazendo estudos, colaborando com pesquisadores e universitários que compunham a comissão de criação. Binette (2008:136) destaca a participação das mulheres, fazendo entrevistas, recolhendo objetos, fotografias, entre outros.

Desde a sua fundação, o museu vem se reinventando e contribuindo para o desenvolvimento local. Os grupos comunitários têm seus representantes no Conselho da organização, garantindo que a comunidade seja, efetivamente, sua cogestora.



Figura 5 – Écomusée du fier monde. L'exposition Run de lait  
Disponível em <http://levadrouilleurbain.wordpress.com/2011/01/16/ecomusee-du-fier-monde-presente-2/>

## **Considerações finais**

Buscou-se, neste trabalho, comparar políticas para a cultura e museus entre Brasil e Canadá e experiências museais que levassem em conta a cidadania na patrimonialização dos bens culturais.

Percebeu-se, então, que os dois países, a partir de suas instâncias de condução de políticas culturais, entendem os museus como espaços sociais de grande



potencial transformador. Uma vez voltados para os sujeitos e suas práticas culturais vivenciadas no cotidiano, podem mediar, junto às comunidades nas quais se encontram inseridos, processos de comunicação bilateral, cooperando para a construção de conhecimentos e aprendizagem existencial. A partir daí, o museu passa a fazer sentido para a comunidade, a qual lhe atribui significado. Podem, ainda, auxiliar no desenvolvimento, empoderamento e protagonismo social.

Brasil e Canadá têm agendas de políticas públicas para a cultura e para os museus, mas diferem em relação à aplicabilidade de tais políticas. No Brasil, após consultas e debates com a sociedade civil, cabe ao governo central, a partir do Ministério da Cultura e de seus órgãos, planejar, estabelecer metas e cuidar das dotações orçamentárias, de modo que os estados e os municípios são responsáveis pela execução destas; as comunidades, por sua vez, devem fiscalizar e acompanhar o desenvolvimento dos projetos. No Canadá, há modelos diversos de aplicações de políticas públicas, que variam de acordo com as províncias e suas orientações.

Quanto à questão da cidadania cultural, no Brasil recém-liberto de um regime de exceção, período compreendido entre as décadas de 1980 e 1990, verificam-se um alargamento democrático e preocupação com as minorias, com as questões sociais e as diversidades culturais. No Canadá, entre a década de 1940 ao final dos anos 1970, houve um aumento da presença do governo federal, gerando uma gradual expansão das políticas de proteção social. Desenvolveram-se, assim, nos dois países, múltiplas formas de associativismo, o que ocasionou uma diminuição no espaço entre o cidadão e a gestão pública. Isso remete, pois, ao contexto da criação do “*Écomusée du fier monde*” e a conquista de espaços de autonomia, facilitadores para a organização das comunidades e seu autogerenciamento e, por consequência, a busca de melhores condições de vida e do seu entorno, reivindicando, entre outros, o direito à cultura.<sup>9</sup>

Quanto às experiências de museus de periferia (Brasil) e museus comunitários (Canadá), percebe-se que essas são fundamentadas na chamada “nova museologia” e levam em conta que o museu deve ser uma instituição conectada ao mundo contemporâneo e interessada na vida social, política e econômica da sociedade e, ainda, deve estimular a discussão, a reflexão e a prática do respeito e da valorização das diversidades e diferenças, sendo espaço para a interpretação da vida, da cultura, dos saberes e dos fazeres. Entretanto, não basta apenas



a participação da comunidade na criação do museu, esta precisa estar presente por meio de seus representantes na gestão da instituição. Pode-se atestar isso na condução do Museu da Maré, do MUPE (Sítio Cercado) e no Écomusée du fier monde. Entende-se, por fim, que esses espaços não são destituídos de disputas e de conflitos, porém isso se configura aqui como um mote para a continuação da pesquisa.

## Notas

- <sup>1</sup> Coordenadora e Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais e do Curso de História do Unilasalle, Canoas, RS, Brasil. Coordenadora do Museu e Arquivo Histórico La Salle (Unilasalle). Doutora em História (Unisinos, RS, Brasil).
- <sup>2</sup> Museu integral: supera o museu dito “tradicional” cuja função consistia em recolher, classificar e preservar o patrimônio, expondo-o com fins voltados à educação e ao lazer. As preocupações do “museu integral” voltam-se para a comunidade e o processo museológico não mais se concentra no objeto, na coleção e no espaço interno, mas sim na comunidade, suas expectativas e seus problemas, sejam eles no âmbito social ou econômico.
- <sup>3</sup> Nouvelle Muséologie: corrente internacional que abriga diversas tendências, a qual surgiu com o objetivo de reestruturar, animar e democratizar tudo o que diz respeito à memória coletiva e aos bens patrimoniais e, mais particularmente, ao fenômeno museal. NICOLAS (1985), apud GONÇALVES (2005:85)
- <sup>4</sup> Não é possível musealizar tudo: memória, museu e seleção são indissociáveis.
- <sup>5</sup> Disponível em: [www.museums.ca/?n=13-112-206&pressreleasesId=389](http://www.museums.ca/?n=13-112-206&pressreleasesId=389). Acesso em: fev. 2011. Disponível em: [www.museums.ca](http://www.museums.ca). Acesso em: fev. 2011. CANADA STATISTICS. Heritage Institutions 2008. Service Industries Newsletter, Ottawa, Apr. 2010.
- <sup>6</sup> Disponível em <http://www.museus.gov.br/publicacoes-e-documentos/museus-em-numeros/>
- <sup>7</sup> Ver PRIMO (2006).
- <sup>8</sup> Sobre o MUPE ver <http://mupesitiocercado.wordpress.com/>
- <sup>9</sup> Ver SENHORAS, Elói Martins (2005). A economia social em perspectiva transversal no Brasil e no Canadá. **Interfaces** Brasil/Canadá, Rio Grande, n. 5, 2005. Disponível em [www.revistabecan.com.br/arquivos/1159023930.pdf](http://www.revistabecan.com.br/arquivos/1159023930.pdf)

## Referências

BELLAIGUE, M. 22 Ans de réflexion muséologique à travers le monde, International Committee for Museology, *Study Series* n°. 8/2000, Groeninghe, Courtrai, Belgique: International Council of Museums, 2000.

BINETTE, René. La contribution des institutions muséales a “capital social”: cas de l’Écomusée du fier monde (Montréal, Canada). In: URTZBEREA Iñaki

Arrieta (Ed.) (2008). *Activaciones patrimoniales e iniciativas museísticas: Por quién? Para qué?* País Basco: Argitalpen, 2008, p. 190-193.

CHAGAS, Mário. In: PERIFERIA quer contar sua história. *Gazeta Maringá*, 5/6/2010, 2011.

CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. *Estudos Avançados*. vol. 9 no. 23, São Paulo, Jan./Apr., 1995.

DURANTAYE, Michel de la. Municipal Cultural Policies in Quebec. *Canadian Journal of Communication*, Vol 27, 2002, p. 305-313.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os museus e a representação do Brasil. *Revista do Patrimônio*, no. 31, 2005, p. 254-273.

HUMANITAS. *Feasibility study for a new cultural attraction on Toronto's waterfront*. Culture Division, Economic Development, Culture and Tourism Department, City of Toronto, [s/ed.], 2004. Disponível em <http://www.toronto.ca/tmp/pdf/humanitas-feasibility-execsum.pdf> Acessado em Novembro/2011.

JOHNSON, Martha C.; POULIN Michel; GRAHAM Mark (2005). Rumo a uma abordagem integrada da conservação e uso sustentável da biodiversidade: lições aprendidas a partir do projeto da biodiversidade do Rio Rideau. *Ambiente & Sociedade*, Campinas v. X, n. 1, p. 57-86, jan.-jun. 2007.

MUSEUS em Números/Instituto Brasileiro de Museus (2011). Brasília: IBRAM. 240 p. vol. 1.

NUNES, Marilene. Trecho de entrevista In: *MUSEU DA MARÉ: memórias e (re) existências*. Direção: Regina Abreu; Pedro Sol. Rio de Janeiro: Museu da Maré – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré; Departamento de Museus e Centros Culturais – Iphan/MinC; Imagine Filmes, 2008. DVD.

PEREIRA, Pedro Manuel Figueiredo Cardoso. Preservar e desenvolver em museologia, contributo para o estudo do objecto e do processo museológico. *CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA*, V. 34, N. 34 (2009). Disponível em <http://revistas.ulsofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/55/showToc> Acessado em junho de 2011.

PRIMO, J. (2002). “A construção do pensamento museológico contemporâneo”, colectânea de textos distribuídos no III.º Mestrado em Museologia, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2002, p. 1-76.

PRIMO, Judite Santos. Pensar contemporaneamente a museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, Nº 16, 1999.

PRIMO, Judite Santos. A museologia como instrumento estratégico nas políticas culturais contemporâneas. *Revista Musas*, n. 2, 2006.

RODRÍGUEZ, Ángela González de Vallejo. Acciones clave para implicar a la comunidad en el museo. In: URTZBEREA Iñaki Arrieta (Ed.) (2008). *Activaciones patrimoniales e iniciativas museísticas: Por quié? Para qué?* País Basco: Argitalpen, 2008, p. 190-193.

SAINT-PIERRE, Diane e GATTINGER, Monica. *Les politiques culturelles du Québec et des provinces canadiennes: sources d'influence, approches divergentes et pratiques convergentes*. 2011. Disponível em [http://www.gestiondesarts.com/fileadmin/media/PFD\\_seminaires/SaintPierre\\_Gattinger.pdf](http://www.gestiondesarts.com/fileadmin/media/PFD_seminaires/SaintPierre_Gattinger.pdf)

SCHEINER, Tereza. *Beira Rio*. Jornal da Universidade Federal do Pará Ano XXV Nº 99, Novembro de 2011.